

Análise comparativa
e
(des)construtiva

BABY



Justin Bieber
e
Dirty Loops



- Sobre os artistas

- **Justin Bieber**, cantor e compositor canadense que ficou conhecido no meio digital (web) a partir de 2007, quando um agente o “viu”, o assistiu. Em 2009, após concluir o primeiro grau, assina seu primeiro contrato. Sua produção artística se expande, também tendo atuado como ator. Comercialmente, também possui produtos vinculados à sua imagem. Sua produção musical, ainda que, sobretudo pop, enverada por diferentes ramificações dessa linguagem, assim encontrando interessantes contrastes em suas produções;

- **Dirty Loops**, trio sueco (Estocolmo) de “fusion”, abarcando o pop, o rock, o jazz, o R&B, o eletrônico e o funk, por exemplo, formado por Jonah Nilsson, Henrik Linder e Aron Mellergård, ficou também inicialmente conhecido no meio digital (web), a partir de versões de canções pop, como “Rolling in the Deep”, de Adele, “Just Dance”, de Lady Gaga, “Circus”, de Britney Spears e, a canção aqui apresentada, “Baby”, de Justin Bieber. Todos possuem uma solidez em sua formação (do ponto de vista formativo, ou, estudo formal), sendo que Jonah Nilsson (voz) estudou Teoria Clássica*, enquanto Henrik Linder (contrabaixo) e Aron Mellergård (bateria) estudaram Jazz no Royal College of Music, em Estocolmo.



- Sobre a canção

Lançada em janeiro de 2010, “Baby”, composta por Justin Bieber, Christopher “Tricky” Stewart e Terius “The Dream” Nash, é um single que faz parte do álbum “My World 2.0”, e foi um grande sucesso de repercussão e crítica.

A letra da canção fala sobre uma paixão adolescente (na época do lançamento, Bieber estava com 15 anos), e conta sobre a desilusão passada por um garoto que ama uma garota e acha que é correspondido. Porém, a garota revela ao garoto que há outra pessoa, o que faz com que seu coração fique partido.

A gravação conta com a participação do rapper Ludacris, que, na poética da canção, compartilha sua experiência do primeiro amor, aos 13 anos de idade. Ele, assim como o garoto, também teve seu coração partido.



Letra* e versões



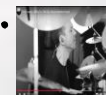
*Por não haver alterações no conteúdo da letra, apenas na versão original a letra e sua tradução é apresentada.



Descritivo comparativo

Ambas as versões se encontram na tonalidade de **Mi bemol maior**, e mantém o mesmo número de batidas por minuto, sendo seu bpm=130.

Ambas foram gravadas em múltiplos takes e múltiplas tracks, sendo que a produção de Justin Bieber provavelmente se baseia em uma produção pop “padrão”, com diferentes elementos gravados em diferente momentos, enquanto a versão, o produto final da Dirty Loops é, também, provavelmente uma montagem dos diversos takes gravados com o trio ao vivo (dada a interação), apoiado pelo pulso constante (metrônomo).



Forma e Sonoridade

Justin Bieber (duração: aprox. 3m34s)

- Forma:

|| INTRO || : A | A' | B | B : || IMPRO (rap, base em |A|A|) | B | B || CODA ||

- Instrumentação:

Além das vozes, instrumentos de fonte “eletrônica”, ou, instrumentos digitais, sintetizados:
Bumbo, caixa, palmas, piano e efeitos.

- Estruturação:

Não há relevantes contrastes entre as partes. Basicamente, a adição de elementos é utilizada para estabelecer a forma. Possui uma continuidade “insistente” de background em seu “todo”.

Dirty Loops (duração: aprox. 2m45s)

- Forma:

|| INTRO (| B |) || : A | A' | B | C | D | B : || IMPRO (baixo | : A : | Codeta) || B ||

- Instrumentação:

Além das vozes, teclado/synth, contrabaixo, bateria e discretos componentes eletrônicos percussivos.

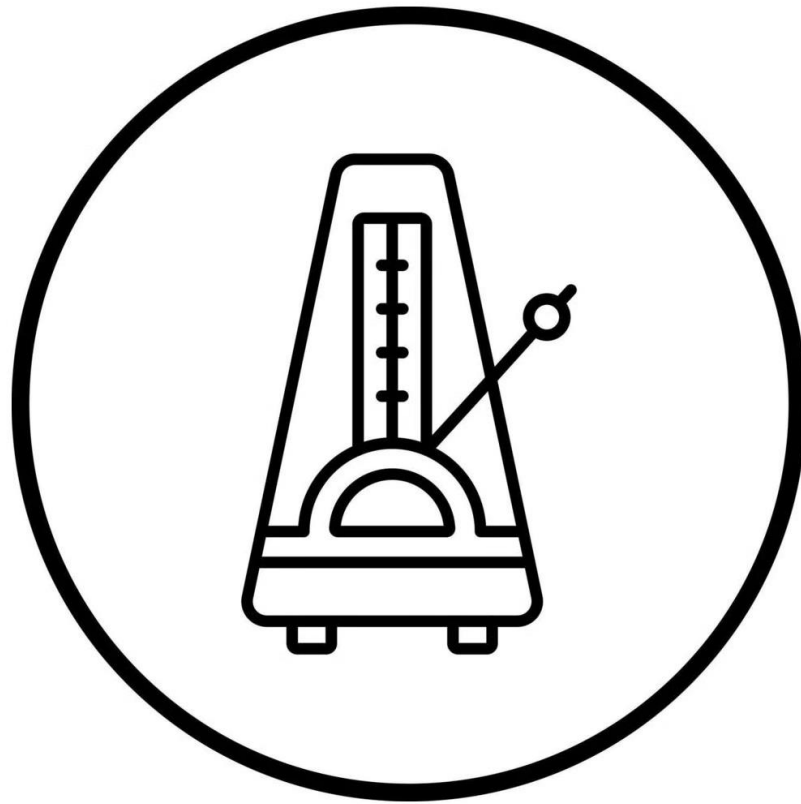
- Estruturação:

De menor duração, sua INTRO age como APRESENTAÇÃO > FUSÃO > TRANSFORMAÇÃO. Além disso, cria mais contrastes entre as partes, gerando uma certa **bipartição textural** na reexposição de | A |. A subtração de elementos é utilizada para transicionar entre as partes. Há maior exploração do domínio técnico-instrumental dos integrantes.



Vídeos estruturais

130 bpm



Questões, similaridades, diferenças...

A ORIGINAL, em sua contenção de acontecimentos, privilegia a letra e sua temática, sendo que os eventos, suas mudanças, adições e subtrações, não influencia em muito na mensagem passada. O que é adicionado é sutil, e aparenta ter, principalmente, a função "divisória", um antecedente justificando o consequente. O refrão é "insistente" o que também, de certo modo, mascara quaisquer variações de background;

O que é mais perceptível se apoia na voz, seja nas alterações de nuance, seja nas alterações tímbricas. Logo, o plano principal é a canção, sua letra e, por conseguinte, o artista.

A VERSÃO, tem na canção *per se*, uma justificativa (de sê-la), pois não há alterações relevantes, exceto por extensões da palavra que se transformam em ornamentos, demonstrando virtuosismo vocal. A exploração textural para dar contorno à forma se faz mais presente, fazendo com que a canção apresente novas dimensões sonoras, e, estruturalmente, novas partes, mesmo que condicionadas à ORIGINAL, à melodia, à canção.

O artifício da espacialização não é tanto utilizado, porém, a exploração de uma linguagem diferente à ORIGINAL é amplamente exposta, na harmonia, no ritmo, na técnica instrumental. Porém, tanta carga informativa pode ser elemento distrator para uma canção.

Por fim, enquanto a ORIGINAL adiciona elementos para contrapor as partes, a VERSÃO os omite.

Interessantes
pontos
comparativos

- Sobrepondo INTRO, verso e refrão -

- Variação, bipartição e retorno -

- Improviso vocal e instrumental -



Conclusões? Uma CODA...

...além do anteriormente citado...

- Uma canção ainda assim é “a” canção, em poética, mesmo em diferentes versões. Ela “se permite”;
- O background do “versionista” (*sic*) é ponto relevante para o desenvolver da mesma;
- A versão expande a canção, bem como o “versionista” para outros “grupos”. Aqui, considera-se até mesmo um fim meramente comercial;
- Adendos?

Ainda há de se considerar, sobre fatores extra(?)musicais:

- Liberdade artística;
- Qual a mais comercial;
- A música a serviço da canção; A canção a serviço da música;
- O produto é o artista. O produto é a versão;
- Finalidade de uma versão: validade artística, fim comercial ou mero fetiche se em nada acrescenta para a música?
- Identidade musical.



Obrigado!

